

## Editorial

# EDUCAÇÃO EM SAÚDE NO QUOTIDIANO EDUCACIONAL

---

Vários estudos e programas de saúde, chamam a atenção para a necessidade de capacitar particularmente o segmento infante-juvenil, para enfrentar situações de risco, que surgem em determinado momento de sua evolução histórica. E cita, entre outros exemplos destes fatos, as DST e a Aids, o consumo de drogas e as perdas dos valores de convivência, as agressões ao meio ambiente.

Para a Organização Mundial de Saúde (OMS), as DST estão entre os problemas mais comuns de saúde pública em todo o mundo embora, *não se conheça a real magnitude do problema*. Estima-se que nos países em desenvolvimento as DST estão entre as cinco causas mais freqüentes de procura por serviço de saúde. E no Brasil, particularmente, há, a grosso modo, *previsão de ocorrência por ano de 3,5 a 4 milhões de episódios de doenças sexualmente transmissíveis*. O desconhecimento dos padrões de comportamento, crenças e atitudes sexuais aliados à alta concentração da população nos grandes centros urbanos, sugerem a necessidade de grande esforço para a promoção da saúde sexual e reprodutiva, prevenção de riscos e agravos à saúde na área das DST e Aids. Nas grandes cidades, até um terço das pessoas entre 13 e 35 anos poderão apresentar uma DST a qualquer momento.

Diante do desafio que se afigura ante o alarmante cenário da vida sexual de adolescentes e jovens, mais do que nunca os setores Saúde e Educação se fazem impelidos a unir esforços em torno de programas preventivos das causas, em lugar de usuais projetos remediadores dos efeitos de práticas sexuais mal conduzidas.

Longe de medidas paliativas, mais voltadas à camuflagem dos casos irremediavelmente já acontecidos, a demanda atual se faz sentir numa mobilização conjunta da equipes de profissionais de saúde e educação em torno de uma política de orientação sexual, remontante a bases sistemáticas de ação.

Em vez das tradicionais abordagens episódicas sobre as drogas, a sexualidade e os modos de transmissão das doenças em evidência entre outros assuntos, tem-se em mente a defesa de um trabalho educativo interdisciplinar voltado para o desenvolvimento de atitudes sadias e para a vivência plena da sexualidade, melhor dizendo, para a educação em saúde sexual e reprodutiva.

A OMS define saúde como *"um estado de bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença"*. A saúde

sexual está relacionada a este estado de bem-estar na vida sexual de uma pessoa, o sentir-se à vontade e confiante em relação ao sexo e à sexualidade. Assim, a promoção da saúde sexual e reprodutiva requer conhecimentos sobre o próprio corpo, informações adequadas, atitudes preventivas e acesso aos serviços de saúde de boa qualidade.

No momento em que a aids pôs em evidência as questões relacionadas ao exercício e/ou vivência da sexualidade, o simples despertar acentua as indagações e, na falta de respostas, multiplicam-se cada vez mais incontroláveis as DST, abortos, gravidezes indesejadas, entre outros agravos à saúde. A informação nesse caso, pode preceder ao amadurecimento, no sentido de levar o adolescente e/ou jovem a aquilatar as conseqüências de determinadas práticas.

Espera-se, portanto, dos profissionais de saúde pública e dos educadores, ações coordenadas de intervenção no cotidiano, sobretudo quando a puberdade precoce é hoje um fenômeno cada vez mais comum com a *"superexposição a imagens eróticas"* que de acordo com alguns autores fazem desencadear a *produção de hormônios sexuais precocemente*.

Uma vez somados o imperativo da demanda, provocado pelo aumento progressivo da incidência de DST, e o foro dos direitos e deveres determinantes da responsabilidade moral e social de todos os segmentos profissionais, concernentes à Educação em Saúde, sobretudo em sua dimensão preventiva, a idéia é desenvolver a processo de conscientização para a prevenção de DST/Aids nas diferentes fases de desenvolvimento humano e, em especial, na adolescência.

Logo, a prevenção, pela progressão possível de casos, chega ao estatuto de um desafio para a sociedade que faz da educação sexual um campo de demandas imediatas na busca de intervenções mutuamente produtivas, a orientação em saúde no cotidiano educacional, particularmente quando em família pouco ou nada se fala abertamente sobre sexo, abrindo espaço para o silêncio, ao ressentimento e até mesmo à hipocrisia.

**Vandira Maria dos Santos Pinheiro**

Prof<sup>a</sup> Convidada do PPG em DST  
Setor de DST-UFF